

ENTREVISTA DE MARISA LAJOLO¹ À REVISTA LINHA D'ÁGUA

Linha D'Água (L.D.): Aceitando-se que o texto literário não é o único texto a ser trabalhado na escola, que recomendações você faria para um professor que ensina língua e literatura?

Marisa Lajolo (M. L.): Bom, eu sugiro que esse professor deva ter a experiência o mais variada possível, com os mais variados tipos de texto para que ele tenha um repertório a partir do qual possa escolher textos de diferente natureza, de diferente circulação, de diferente tamanho, até eventualmente textos diferentes para alunos diferentes. Tudo depende do repertório do professor.

(L. D.): Em relação às adaptações literárias que estão sendo feitas ou já foram feitas para a televisão, você acredita que elas estimulam a leitura da obra ou não?

(M.L.): Não sei (risos). Mas eu acho que a questão é interessante porque a presença da literatura em outras mídia cria novos bolsões de opacidade para o texto e, num certo sentido, revitaliza um pouco o texto; então você pode pegar o texto em uma linguagem mais moderna, fazer trabalhos inter-semióticos com os diferentes textos. Eu ri da pergunta, porque é uma pergunta que tem respostas meio chapadas, quer dizer, existem os defensores, os apocalípticos e os integrados, não é? Os que acham que o mundo vai acabar porque *O Primo Basílio* na televisão é um horror, e os que acham "que legal" é muito melhor ver a Luiza Brunet como a personagem Luiza do que qualquer outra coisa. Eu penso que não adianta achar bom ou mal, acredito que o mundo é esse e é uma pena que nós não saibamos fazer melhores adaptações para nós podermos estar formando entre as várias profissionalizações dos alunos de Letras; eu acho que uma das possíveis seria o aluno ser capaz de fazer essa tradução para outras linguagens, que é tão contemporânea e que tem uma demanda tão grande no mercado. E se é verdade aquilo que a gente estuda, teoricamente, que uma das características da pós-modernidade é o simulacro, eu não posso em uma disciplina estudar a pós-modernidade e em outra ter uma atitude conservadora relativamente ao mundo em que vivo. Então eu preciso entender toda essa produção simultânea, por diferentes mídia, de reciclagem de discursos e tudo isso; embora não precise aplaudir de queixo caído ou embarcar em qualquer aventura de modernidade, eu tenho de entender que isto existe e criar a minha opinião a respeito de um ponto de vista e levar os alunos a refletirem sobre isso.

(L. D.): E você acha que o professor poderia estar fazendo algum tipo de atividade ao comparar, por exemplo, essas duas linguagens ou ele não deveria fazer isso?

1 Professora Titular do Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP

(M. L.): Olha, em vários momentos a televisão aparece como um problema para o professor de português. Ela é a grande vilã da história porque os alunos preferem assistir à televisão a ler o livro e eu acho que enquanto eu acreditar que a televisão é uma concorrente do livro, eu já perdi de saída porque ela é muito mais interessante, quer dizer, é muito mais "legal" você ver um filme de guerra do que ler um livro sobre a guerra. Então eu acredito que a função da televisão... eu sou plenamente favorável a trazer a televisão para a sala de aula, acho que as pessoas precisam aprender a assistir à televisão, quer dizer, as pessoas até sabem assistir à televisão, mas elas sabem quase no saber que a própria televisão ensinou para elas; então eu acho que um contraponto de uma pedagogia da televisão feita a partir de uma familiaridade grande com diferentes mídia, com diferentes linguagens melhoraria a qualidade da atenção que as pessoas prestam à televisão. Então, por exemplo, é muito claro hoje em novela como é que você conduz o suspense, como você seleciona os momentos de corte em que, por exemplo, a fala de uma personagem numa cena interna é a primeira palavra da fala da personagem da cena externa, quer dizer, você faz lingüisticamente a ligação daquilo em que houve ruptura em termos de espaço. É muito interessante você saber isso, é quase tão interessante quanto análise de texto, não é? Então, eu acho que a gente precisa entender que o ensino de português hoje, o ensino de linguagem hoje, na realidade, é um ensino de linguagens. Nós não podemos ficar no nosso nicho, acreditando que o mundo vai finalmente descobrir as excelências de Machado de Assis, tem que ir à luta.

(L.D.): Em relação aos alunos que têm entrado nos cursos de Letras na universidade, nós temos percebido que, muitas vezes, eles não trazem uma "história de leituras" que lhes permita compreender a complexidade dos textos e teorias que já de início lhes são apresentadas. Como a universidade deveria se portar em relação a esse problema?

(M.L.): Bom, eu acho que a questão do nível dos alunos do curso de Letras é talvez a questão mais grave do curso de Letras, mas não é uma questão que começa pelo nível baixo dos alunos do curso de Letras, começa pelo nível baixo da profissão para a qual o curso de Letras forma as pessoas. Enquanto o curso de Letras continuar qual um avestruz, escondendo a sua cabeça na areia e não perceber que ele está formando desempregados ou que ele está dando nível universitário a bancários, empregados de agência de seguros, vendedores domiciliares, aeromoças e similares, o curso de Letras vai continuar batendo na porta errada, falando língua que ninguém entende, então eu acho que isso é uma questão grave. A outra questão é que esse caráter monolítico de um curso de Letras voltado, exclusivamente, para a pesquisa e o magistério; ele ignora a função que as letras e as linguagens têm no mundo contemporâneo e, enquanto ele continuar ignorando, a ECA (Escola de Comunicações e Artes) vai continuar tendo os melhores candidatos e Letras vai continuar chamando até a décima quarta lista em junho para preencher

as vagas das pessoas que não vêm. Agora, eu acho que, por outro lado, nós temos um excesso de vagas no curso de Letras, esses cursos são gigantescos. No começo deste ano eu fiz um trabalho sobre cursos de Letras, exatamente, e você tem, pelo menos, cinquenta por cento das vagas ociosas no Brasil. E isto faz com que a demanda seja muito pequena. E a demanda sendo pequena, você não tem muita exigência; então eu acho que você precisava qualificar um pouco o que você oferece como forma de qualificar a clientela. Agora, posto isso tudo há uma outra questão grave que é a questão do salário do magistério público. Eu acho que há várias medidas atuais que apontam algumas soluções, apontam pelo menos uma vontade de qualificação do magistério. No Estado, há uma política do salário mínimo de Educação, há financiamento dos trabalhadores de Educação, eu acho que tudo isso são promessas, digamos assim, e mais do que promessas são algumas providências que estão sendo tomadas e que são promissoras. Mas eu acho que até hoje a universidade enquanto instituição jamais pensou no problema e jamais colocou o seu peso para lutar contra isso. As próprias áreas de licenciatura são as mais frágeis dentro da universidade, são mais frágeis em termos políticos, têm pouca verba, sempre os órgãos centrais da universidade se perguntam se quem faz pesquisa em Educação faz mesmo pesquisa científica, se curso de extensão para professor é a mesma coisa do que curso de extensão para engenheiro eletrônico. Sempre que me perguntam, eu digo não não é a mesma coisa, é muito mais importante e muito mais difícil dar um curso para professor, mas é uma questão aí da instituição. Então a questão de que os alunos chegam sem ter lido coisa nenhuma é tão pequena perto disto tudo que quase não vale a pena a gente se deter muito nela. Mas se a gente quisesse se deter nessa questão, eu acho que a gente teria de fazer um curso de nivelamento, talvez o primeiro ano do curso de Letras precisasse ser um curso que só tivesse leitura, das mais variadas, quer dizer, o aluno não precisaria saber mais nada. Ele não precisaria estudar Lingüística, ele não precisaria estudar Teoria Literária, ele lia. Ele tinha que até o fim do ano ler, sei lá, oitenta livros, vamos fazer um número redondo. Aí a gente começa a perguntar: quais livros ele deveria ler? A outra coisa que a universidade também não tem uma noção é sobre o que as pessoas devem ler, não é? Os professores secundários nos perguntam: o que eu devo mandar os meus alunos lerem? Mas nós não sabemos o que mandar os nossos alunos lerem, quer dizer, fora aquela seqüenciação de Literatura Brasileira e Portuguesa que as Histórias canônicas resolvem sobre que autores devem ser lidos, você nunca sabe se você dá Bilac, mas por que não Raimundo Correia? Ou vamos ocupar todo o tempo de Brasileira III com Machado de Assis? Então eu acho que a universidade é extremamente omissa relativamente aos perfis desejados de alunos. Na entrada ela não pode jogar muito, não é? porque ela pesca o que vem à rede, mas na saída nós poderíamos ter mais clareza quanto a que alunos nós queremos que saiam de Letras e acho que a questão sobre a pobreza do repertório de leitura

dos alunos é interessante, mas estaria em mãos da universidade melhorar isso, desde que ela quisesse.

(L.D.): Em relação a uma recente entrevista com o professor Décio de Almeida Prado que foi intitulada "O melhor já passou" e publicada pela *Revista Veja* (11/06/97), você afirmaria o mesmo, no que se refere à atual produção literária no Brasil?

(M. L.): Absolutamente não. Acho que a produção literária contemporânea no Brasil é ótima. Acho que nós começamos a ter um sistema de produção literário efetivamente profissional. Acho que é muito bom nós termos grandes *best sellers* brasileiros como Jô Soares e Paulo Coelho. Acho que nós estamos começando a ter um segmento profissional de leitura e de produção de leitura. Então, de novo, eu acho que é um desencontro de expectativas, quer dizer, com todo o meu respeito ao professor Décio, realmente eu não tenho a mínima condição de avaliar a produção teatral contemporânea, talvez também não tenha de literatura, mas pelo que me parece, do que eu observo, eu acho que você tem muita gente lendo. É claro que as pessoas lêem coisas que a universidade não gosta, mas talvez o problema seja da universidade e não dos leitores. Então, voltando um pouco à questão anterior, posso dizer que a universidade dá as costas à leitura enquanto fenômeno social. Por exemplo, há uma farta produção de literatura espírita que é lida, se você pegar qualquer ônibus de saída da USP com funcionários, as pessoas todas estão lendo "Violetas na Janela". Pergunta se alguém sabe do que se trata, não é? Nem estão aí. Então eu acho que as letras e as leituras da qual a universidade fala são letras meio apagadas no mundo contemporâneo e a universidade não está conseguindo reunir cacife para repintar essas letras e não está conseguindo escrever na caligrafia das outras. Então eu acho que isto se reflete um pouco na postura de que hoje nada vale a pena, era melhor o ontem. Eu, infelizmente, não acho isso. Eu acho que a literatura contemporânea é muito boa, acho que nós temos mais produção hoje e acho que a questão qualitativa, no caso, é quantitativa também. Acho que você não tem uma grande literatura de poucas obras, acho que você só tem possibilidade de ter grandes obras quando você tem um sistema literário em curso. E aquilo que o professor Antônio Cândido fala para o século XVIII, ou seja, que a literatura começa no século XVIII, quando você tem autor, obra e público, é extremamente sugestivo para se pensar o contemporâneo, porque um sistema de produção, de distribuição, de pontos de escoamento, de adoção escolar você só tem hoje.

(L.D.): Em relação à poesia brasileira que circula hoje, é produzida hoje, parece que no ensino de 1º e 2º graus os professores não têm contemplado muito essa poesia mais contemporânea. A escola estuda mais ou menos até a época de João Cabral de Melo Neto e não dá continuidade a esse estudo. Como você observa isso, qual o seu comentário em relação a este tipo de trabalho?

(M. L.): Olha, a escola só trabalha com o que é escolar mesmo, quer dizer, por hipótese o contemporâneo não é escolar. Eu sei que os lingüistas até se esfor-

çam para falar dessas coisas, mas a literatura pelo menos é um pouco opaca face a isso. Eu acho que as pessoas não trabalham com literatura contemporânea, um pouco porque você não tem muito o que dizer da poesia contemporânea e, geralmente, os cursos de literatura são cursos nos quais você faz os alunos repetirem os juízos críticos das obras consagradas. Como essas obras contemporâneas não têm juízos críticos e não são consagradas, fica um embaraçoso silêncio, quer dizer, o que é que você vai dizer sobre Ferreira Gullar, sobre Thiago de Melo ou sobre Adélia Prado. Então eu acho que é uma questão da escola em relação a literatura, e sobretudo os cursos de Letras na graduação, esses cursos são reprodutores de fortunas críticas, como os contemporâneos não têm essa fortuna crítica, fica tudo muito complicado. Agora, no semestre passado eu dei um curso na UNICAMP sobre literatura contemporânea brasileira e foi muito curioso porque nós trabalhamos com contemporâneos mesmo: Patrícia Melo, Frei Beto, Jô Soares, Fernando Paixão, enfim com poetas como Paulo Leminski e o critério era trabalhar com o mais contemporâneo possível. Eu tive a maior dificuldade no começo com os alunos, porque os próprios alunos diziam "não, mas isso não é literatura, isso é cultura de massa". Então, no fundo, nós estamos numa espécie de festa de iniciados, não é? Onde nós só selecionamos aquilo que reforça o nosso discurso anterior. Até quando você fala que chega até João Cabral, quando chega, não é? Porque o tradicional mesmo é chegar até a Semana de 22, quando muito. Então você cria mais ou menos para a área das Letras o mesmo anacronismo que você num certo sentido tem na área de Ciências, quer dizer, você tem a velha piada: Sai na Veja que estão reduplicando a ovelha a partir do DNA, aí o aluno de Biologia chega em casa e o pai diz "pô, meu filho, você aprendeu? explica" e o rapaz responde "não, pai, isso é só no quarto ano que eu estudo", enquanto ele está lá dissecando mosca. Claro que para ele conseguir um emprego de biólogo depois, ele vai ganhar mais se ele souber mexer com DNA, agora no caso de Letras ele vai ganhar mal tanto se ele trabalhar com João Cabral como com José de Alencar ou Paulo Leminski. Então a questão da qualidade do produto final não incentiva a renovação, não é? Porque também se você quiser dar um curso sobre literatura contemporânea, você tem que batalhar, tem que ir atrás, tem que reunir os textos e você não tem aquele livro didático que você tem para tudo sobre Machado de Assis, José de Alencar etc. Então eu acho que há várias razões pelas quais os contemporâneos não chegam à universidade. E a minha experiência é que, quando eles chegam, os próprios alunos têm sérias restrições a que eles cheguem, não é? Então fica muito complicado. E daí eles nunca vão chegar ao 1º e 2º graus porque você tende a repetir, quer dizer, você dá no 2º grau o que você viu na universidade, por quê? Porque você já sabe o que deve dizer sobre aquilo.

(L. D.): E também porque mais ou menos a programação do 2º grau fica restrita ao Vestibular.

(M. L.): Fica. Agora, aí mesmo quando os Vestibulares inovam e colocam algo mais contemporâneo alguma coisa assim, também não deixa de ser complicado porque, por exemplo, a UNICAMP acho que foi a primeira universidade a ter uma lista de livros bastante inovadora, incluindo coisas bem modernas e contemporâneas. Aí você criava o pânico na indústria educacional brasileira, porque ninguém sabia o que dizer de Fulano de Tal. O que dizer deste poeta contemporâneo? Então você começava a encomendar prefácios, posfácios, orelhas, notas de rodapé de uma forma bastante eloquente. E se dá conta do peso que a universidade tem enquanto instituição para pôr no circuito um determinado escritor, o que geraria assim uma brincadeira interessante que seria se nós decidíssemos promover, por exemplo, Carolina Maria de Jesus uma mulher negra, pobre, semi-analfabeta e incluir essa escritora na lista de Vestibulares o que aconteceria? Ela viraria uma *best-seller*? Ela passaria a ser lida? Os escritores negros seriam mais lidos? Seria uma questão extremamente interessante de ser colocada e valeria a pena bancar uma experiência desse tipo.

(L.D.): Agora, o que você acha dessa lista? Você comentou que a UNICAMP faz uma lista não muito restrita. Você acha que essa lista funciona por um lado ou ela traz problemas de restringir a leitura do aluno ou ela faz com que os cursinhos publiquem aqueles cadernos de resumos?

(M. L.): Olha, é inevitável que se faça a lista, porque você tem que estabelecer um cânon, então você não tem como sair do cânon, não existe essa liberdade de leitura, você restringe porque você restringe, quer dizer, se não os alunos vão chegar lá lendo o que eles queriam ler mas não é o que a universidade quer que eles leiam. Então, nesse aspecto, é extremamente democrático, no sentido não populista da palavra, mas no sentido de que vamos estabelecer quais são as regras do jogo: tem que ler Machado de Assis. Agora, como é que você poderia fazer perguntas sobre Machado de Assis se não fossem apoiadas em livros e você não avisasse que esses livros precisavam ser lidos? O que eu não sei é se você realmente precisava ter prova de Literatura no Vestibular, não é? Agora, isto é uma coisa que eu estou dizendo e é anti-profissional até, porque no momento em que você não tivesse mais Literatura no Vestibular, a Literatura tenderia como a Língua Francesa, por exemplo, a desaparecer dos currículos, mas não há forma de você manter a Literatura no Vestibular e satisfazer os imaginários das pessoas que mexem com Literatura de que ela é um espaço de liberdade, de criatividade, de tudo isso. Não é não, ela é espaço de repetição de discursos competentes e é isso o que o Vestibular mede.

(L. D.): E em relação ao ensino de Literatura observando o aspecto da Língua, como você poderia conciliar a leitura da Literatura contemporânea que pode trabalhar com uma linguagem não-padrão e como ficaria a língua padrão?

(M. L.): Olha pelo que eu escuto das pessoas de 2º grau, o modo como os adolescentes falam está muito além da mais "wilde" literatura contemporânea, quer

dizer, eles usam construções sintáticas que ninguém imagina que eles usariam; então essa idéia de que a literatura contemporânea corresponde a um modo de fala do adolescente e de que o vilão da história é a língua padrão, eu acho que não. Eu acho que você tem diferentes línguas padrão hoje, assim como você tem diferentes divergências dessas línguas padrão. Agora, a escola tem que trabalhar com a língua padrão, eu acho que estou atualmente convivendo de forma pacífica com a idéia de que a escola tem de ensinar mesmo coisas que o aluno não sabe, porque se ele soubesse, ele não precisaria aprender. Então, por exemplo, eu fico pensando João Antônio ou Plínio Marcos, qual é a infração deles? A infração deles é uma infração vocabular, é uma infração de frases curtas, mas as pessoas não dizem mais só frases curtas, elas dizem só palavras isoladas. Então você não tem a rapidez, a literatura não tem a rapidez de captação, de refração da linguagem em circulação; então eu acho que a literatura acaba sendo modelo mesmo de diferentes línguas padrão. Agora, eu acho que a escola deve trabalhar e pode trabalhar e fica muito divertido se ela trabalhar com todas as modalidades de língua que aparecem na classe, quer dizer, a minha idéia é que a escola deve tentar mostrar para o aluno que todos nós somos um pouco políglotas na nossa língua nativa. Agora, isso implica que o professor acredite que ele é políglota e que o professor seja políglota, não é? Então, no fundo, a gente volta a esbarrar na questão do repertório, quer dizer, qual é o trânsito de linguagem que o professor comum de 1ª a 4ª série tem em São Paulo de hoje, não quero nem saber fora de São Paulo. É um trânsito bastante acanhado, eu diria; então num certo sentido a minha geração é uma geração que convenceu o professor de que podia tudo, agora podia tudo para quem tinha várias opções. Agora, como ele só tem uma, então fica muito complicado esse tudo que ele pode, porque ele não pode ir além daquilo que ele sabe. Então você tem uma situação muito cruel em que você tirou as muletas com que o sujeito andava sem que ele consiga andar pelas próprias pernas, quer dizer, você desqualifica as antologias, você desqualifica o livro didático, você desqualifica as categorias gramaticais, você desqualifica a história literária, você desqualifica a teoria literária, tudo bem eu acho que todo o corpo docente das universidades estaduais paulistas é capaz de dar brilhantes cursos com cuspe e giz e com os textos que conhece de memória ou com o jornal que comprou na esquina; agora, muito poucos professores fora da folha de pagamento das universidades estaduais paulistas consegue fazer isso. Então há um certo descompasso entre o discurso prescritivo da universidade, que é disfarçado de uma ausência completa de prescrição, e as condições de exercício de liberdade desses professores. Eu hoje, e eu sou uma velha militante de questões de ensino, acho que é completamente equivocado se eu comesse de novo, eu faria livros didáticos, eu não faria nenhum esforço para destruir o livro didático, desabilitar o livro didático, eu lamento não saber escrever os livros didáticos que são necessários e tento hoje formar meus alunos ensinando-os a fazer os livros necessários, os para-didáticos,

ensino a fazer prefácios, notas de rodapé, roteiro, exercício; enfim, acho que a gente precisa criar materiais de educação que não existem.

(L. D.): Agora, você fez um livro de 2º grau em três volumes com outros dois professores universitários. Era um livro muito bem visto na época, como você o analisaria hoje?

(M. L.): O fruto desta visão onipotente da universidade pública. Esse livro foi um sucesso de crítica e um fracasso de bilheteria, com toda a razão. Ele era um livro que a editora, foi a Ática que fez esse livro, nos deu carta branca para fazer um livro como nós achávamos que um livro deveria ser e, efetivamente, nós fizemos um livro como ele não deveria ser. Então ele era um livro que foi muito xerocado, em alguns capítulos para cursos de professores e foi um livro que não levava em conta qual era o repertório cultural do usuário do livro que era o professor de 2º grau. Então esse livro foi um livro em que, eu não quero responder pelos meus co-autores, mas, por exemplo, eu acho que o professor Platão percebeu a tempo, eu acho que ele é uma pessoa que fez um pouco a carreira dele de autor de livro didático, sabendo superar os problemas que houve na produção desse livro, chamava-se *Caminhos da Linguagem*. Hoje eu imagino que é assim, sei onde vai dar essa estrada, sei que não vai dar em nada, quer dizer, é um livro que não chegou muito longe nos caminhos que ele pretendia. E acho que ele era esta idéia de pôr num livro as últimas concepções de língua e literatura, não está com nada isso.

(L. D.): Como você vê o ensino de Teoria Literária? Até que ponto o professor de literatura do 2º grau deve trabalhar com os conceitos dessa teoria?

(M. L.): Então, quando eu disse que eu acho que os alunos devem aprender a perceber como a novela joga com o tempo, espaço etc. e tal, isso é uma espécie de recurso narrativo, não é? Então eu entendo que se você pretende, e acho que deve pretender, que o ensino de literatura, que o trabalho de literatura torne o aluno um leitor mais atilado, um leitor mais atilado mesmo, acho que você tem que dar as categorias pelas quais a leitura fica mais interessante. Então, outro dia o sujeito resolve mostrar que está fazendo um trocadilho entre *time* e *time*. "Dá um time aí *teacher* que meu time vai entrar em campo". Isto é Teoria Literária. Outra coisa que a nossa área costuma fazer é desqualificar a teoria. Na minha área de Literatura, todo aluno em algum momento quando está fazendo a tese, diz assim: "eu vou analisar Joaquim Manuel de Macedo, mas não vou me prender a uma teoria, vou usar a teoria que o texto pede". Então a gente tem uma noção de que o texto pede uma teoria que acaba invisibilizando essa teoria, o que é um recurso ideológico muito poderoso para invisibilizar a artificialidade dos objetos com que nós trabalhamos. Então, eu não tenho nada contra a História Literária ou contra a Teoria Literária, eu acho que – como eu disse – o que a escola faz é informar o aluno e pedir que ele reproduza os discursos críticos que são formulados a partir das categorias da Teoria, que trabalha com nomes que são enfileirados em uma certa história. Então acho que é por aí mesmo que deve ir.

(L. D.): Como você vê a questão da palavra escrita no mundo de hoje com a mídia e com todo esse tipo de discurso que a gente tem por aí em relação aos meios de comunicação?

(M. L.): Olha, eu acho que está num esquema de competição bem acirrada, quer dizer, você tem diferentes formas de comunicação. Agora, a escrita é ainda é a base da comunicação, quer dizer, por mais que você "clique" num ícone, você pede um *help* e ele vem em três parágrafos, explicando o que aquele ícone quer dizer. Então eu acho que nós não estamos no fim da escrita, ninguém pode já se dar ao luxo de dizer que não precisa de livros, que não precisa aprender a ler, todos precisamos aprender a ler. A escrita, acredito que ela persiste e ela migra para outros mídia e acho que isso não é mau, isso é inevitável e eu sempre gosto de pensar que ao longo da história da humanidade você tem diferentes tecnologias de informação. Então, por exemplo, imagino que os professores da Antiga Grécia, quando a escrita estava se consolidando em oposição à oralidade, eles diziam: "Oh, Zeus, a cultura vai desaparecer!"; "Ninguém mais cultiva a memória, todos carregam os seus papeluchos escritos". Platão diz isso, ele desconfia que a cultura acabará com a perda da memória. Depois, mais tarde quando Gutenberg inventa a imprensa, os monges que detinham o saber nas universidades diziam: "Oh, céus, haverá livros para todos, as pessoas lerão sem a nossa supervisão, porque enquanto todos liam só um livro manuscrito, estava lá o censor policiando a interpretação. Hoje em dia você tem suportes, a informação se democratizou com a escrita, se democratizou com a impressão e se democratiza com o computador, quer dizer, realmente só não gosta de computador quem nunca usou e quem não consegue aprender, porque não há quem possa achar que é mais fácil escrever a mão ou com máquina de escrever ou qualquer coisa assim. É a mesma coisa, a questão do acesso à informação. Então, por exemplo, esse curso que eu dei no primeiro semestre, todos os meus alunos tinham uma área na Internet, *e-mail*, e no fim de todas as aulas eu resumia o que foi discutido na aula e mandava para todos para que comentassem; então permitia uma circulação da informação muito mais rápida que o xerox. Então, eu sou absolutamente a favor e acho que a leitura tem manifestações históricas, mas ela continua, a palavra escrita, enfim não perderemos o emprego.

(L. D.): E como você vê o ensino da Literatura Infantil, já que você também trabalhou com essa área? Como ela tem sido contemplada nos cursos de Letras atualmente?

(M. L.): Olha, eu acho que ela é uma panacéia. Dizer que as pessoas vão ser melhores professores se tiverem um curso de Literatura Infantil é bobagem e defesa do emprego. Eu acho que as pessoas vão ser melhores professores se tiverem Literatura Popular, Literatura Feminina, Literatura Negra, Televisão, Quadrinhos, Literatura Infantil, Literatura Policial; enfim, todos os tipos. O que eu imagino é que em vez de você multiplicar as literaturas adjetivadas, você relativize a noção

de literatura e trabalhe com uma noção de texto mais ampla, não é? Porque de novo a questão volta a ser o repertório, então a idéia de que se o aluno não vir Literatura Infantil na faculdade, ele não vai saber que livro indicar é uma bobagem porque isto sacramenta a idéia da reprodução do ensino universitário no 1º e 2º graus, então eu acredito que você pode não ter Literatura Infantil como disciplina. Agora, acho que a questão da Literatura Infantil é uma questão de Teoria Literária, assim como a questão da Literatura Popular ou da Literatura Espirita, quer dizer, nós vivemos num universo de literaturas e a universidade pinçou uma. A Infantil conseguiu seus adeptos, então está lá dando cotoveladinhas na outra e nós aqui carregando a azeitona para a campada alheia. Eu acho que não, eu já defendi muitas vezes a Literatura Infantil, já dei cursos de Literatura Infantil, hoje eu acho que é um pouco inútil, isso fortalece um mito da Literatura Infantil que é muito pernicioso, quer dizer, você tem uma idéia falsa de que a solução das questões da leitura na escola seria a inclusão nos currículos. Eu acho que não, isso só daria emprego para muita gente.

(L. D.): Já que a Literatura Infantil não é uma das possíveis soluções para incentivar a leitura na escola de 1º e 2º graus, qual seria um caminho, sem tentar encontrar uma solução de imediato, que o aluno pudesse ter prazer ao ler?

(M. L.): Eu não acho que as pessoas precisam gostar de ler, eu acho que as pessoas podem não gostar de ler. Por outro lado, acho que se você tem professores que possuem bom repertório de leituras e que têm uma relação não traumática com leituras, você terá chances de que os alunos desse professor gostem de ler, independente das estratégias. Então eu fico imaginando, por exemplo, a rede do Estado de São Paulo tem duzentos e trinta mil professores, você não tem nenhum livro que tenha uma tiragem deste tamanho, digamos que três mil exemplares é um grande número para um livro de um escritor como Lygia Fagundes Telles ou como Raquel de Queiroz, bom se isso em São Paulo é duzentos e trinta mil, você imagina quanto é no Brasil. Então os números de professores de um lado e de tiragens de outro mostram a falta de familiaridade do professor com essas coisas. Então eu acho que, de novo, é a questão do poder econômico, é a questão da motivação e também é uma questão de classe social, quer dizer, você tem atualmente professores que por inúmeras razões não vêm, como antigamente, de uma elite intelectual. Então, antigamente o professor nascia entre livros, hoje você tem professores que não nasceram entre livros. Há os que vêm de famílias extremamente humildes para os quais os únicos livros eram os livros escolares que esse professor tinha. Então como transformar este professor num incentivador à leitura, aí é que as falsas soluções são piores, pois se acreditar que Literatura Infantil resolve o problema, você está até desqualificando esse professor porque aí você vem com um segundo discurso bobo sobre Literatura Infantil, que ela é ótima até para adultos. Não é verdade, são muito raros os livros de Literatura Infantil que são bons para adultos razoáveis, quer dizer, para adultos bobos eles podem ser bons, mas a grande maioria da Lite-

ratura Infantil avilta até a criança quanto mais o adulto. Mas você tem uma mística contemporânea sobre Literatura Infantil que mascara todas essas outras coisas, não é? Então eu acho que, de novo, a questão de incentivar a leitura e é desenvolver o gosto pela leitura depende de o professor ter o gosto pela leitura. Eu entendo leitura como prática social e não como um hábito. Eu faço uma distinção entre as duas atitudes, pensando o seguinte: um hábito é uma ação que se repete por automação, enquanto prática é uma ação que se repete conscientemente e é dividida comunitariamente. Então, por exemplo, você não precisa despertar o gosto pela novela de televisão, porque as pessoas no trabalho discutem novela, as pessoas em casa discutem novela, as pessoas assistem à novela juntas, as pessoas têm opiniões sobre como deveria acabar a novela, julgam as personagens. Ninguém precisa despertar o gosto pelo futebol, porque as pessoas torcem, gostam, vão assistir, têm campinho, improvisam futebol no meio da rua. Então estas práticas são práticas que estão profundamente incorporadas à vida social brasileira. A leitura não está, agora a leitura não está por razões que vêm desde o modo pelo qual nós fomos colonizados e não tivemos imprensa, etc. Então qualquer esforço no sentido de desenvolver a leitura tem que levar em conta este nosso passado ágrafo, este passado sem leitura, sem livros e enquanto não se levar em conta isso, enquanto não se incorporar ao estudo de literatura, por exemplo, a compreensão do lugar social da literatura, do lugar social da literatura no Brasil você não afeta o comportamento manifesto dos professores, conseqüentemente você não afeta o comportamento dos alunos; mas eu acho que tudo bem, as pessoas podem ir para o céu e ser boas cidadãs mesmo sem gostar de literatura, o mundo é muito mais vasto é muito mais interessante, tem outras coisas interessantes.

(L. D.): É que a preocupação, em geral, do professor de 1º e 2º graus não seria só o gosto pela leitura, mas seria talvez formar leitores proficientes e eles relacionam leitor proficiente com aquele que gosta de ler.

(M. L.): Mas acho que o que hoje se sabe sobre leitura, sabe-se que não é bem assim, quer dizer, as pessoas são proficientes em leituras de certas disciplinas. Se eu for ler um texto sobre tecnologia nuclear, eu vou ser muito pouco proficiente e um cara que fizer uma engenhoca qualquer é proficiente. Outra coisa que falta no Brasil é conhecer um pouco de teorias da leitura, sobretudo na área das neurociências, das ciências da cognição, sabe-se muito pouco. A gente continua improvisando muito num psicologismo super barato, numa improvisação de boa vontade, de boas intenções que é lamentável, não se sabe nada e faz de conta que se sabe, mas eu não quero com isso culpabilizar o professor, acho que o professor dança conforme a música. A grande culpa mesmo é dos cursos que formam os professores. A outra questão é que não adianta a gente conversar disso aqui na USP ou na UNESP ou na UNICAMP porque não é a USP, UNESP ou UNICAMP que formam os professores, os professores são formados na faculdade de queimada do morro acima, de

sarapalha do morro abaixo e esses é que vão dar aula nas escolas públicas, que é onde você tem a grande maioria dos alunos. Então, de novo, enquanto as universidades, as gloriosas estaduais, por exemplo, não criarem uma forma de qualificar à distância esses professores, qualificá-los de forma supletiva, complementar, não adianta muito a gente discutir isso

Artigos